

Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Nº 2 | 3ª Série - Outubro | Novembro | Dezembro 2013



Festa de Natal 2013

A Santa Casa da Misericórdia de Sardoal viveu o espírito natalício com um programa de actividades que decorreu durante todo o mês de Dezembro e que culminou com a Festa de Natal, no dia 18 do mesmo mês.

O dia foi preenchido com uma Eucaristia, na Igreja de Santa Maria da Caridade, seguido de um almoço-convívio entre os clientes, a Mesa Administrativa e alguns convidados. À tarde, os utentes da instituição fizeram uma peça de teatro e cantaram músicas alusivas ao Natal. Antes do lanche houve a habitual entrega de prendas e o Provedor da Misericórdia de Sardoal, Anacleto da Silva Batista, dirigiu uma mensagem aos presentes apelando à fé, esperança e fraternidade. Viveu-se o verdadeiro espírito natalício.

Editorial

Neste segundo número do Boletim Informativo acreditamos sinceramente que o objectivo foi atingido, recuperando-se algo que foi durante anos um elo de ligação e de informação sobre a vida da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal.

Neste número vamos ter muita matéria para se saber que afinal há muito para divulgar, há Vida e há Amor.

Os testemunhos e as notícias serão a prova disso mesmo: Que tudo vale a pena e que enquanto a memória perdura muito pode ficar escrito para os vindouros. E se há coisas que já foram escritas antes, não fica nada mal fazer recordação, porque Recordar É Viver.

Um ano passou e foram tantos os acontecimentos que não chegariam vários números para os transcrever a todos.

Ficam os mais importantes, aqueles que têm maior significado e que certamente fazem história.

Dar a conhecer realidades de outrora e actuais, é o maior sinal da vida que se vai transmitindo e que será sempre mais uma lição, dum modo particular para os vindouros, aqueles que agora estão a iniciar a caminhada que irá terminar, esperamos nós, daqui por muitos anos.

E porque ainda estamos a viver a Quadra Natalícia, não podemos deixar de formular os votos de um Feliz Ano de 2014, que será tão feliz quanto nós quisermos.

Para todos, clientes, funcionários, amigos, os que nos visitam, o desejo em nome da Mesa Administrativa e da Irmandade, que tenham um Santo Natal e um Feliz Ano Novo.

O Provedor

MESA ADMINISTRATIVA

Nova constituição

Provedor Anacleto da Silva Batista

Vice-Provedor Maria Arminda da Luz Oliveira

Secretário Ventura de Jesus Rosa

Tesoureiro José Cardoso Tavares

Vogal Luís António de Matos Cadete

Vogal Aristides António da Conceição Cardoso

Vogal António Manuel Grácio Moleirinho





As actividades com os utentes da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal são regulares e primam pela diversidade. Entre Setembro e Dezembro de 2013, os idosos participaram num extenso programa de animação. As comemorações do Dia do Idoso, a 1 de Outubro, e a sessão de sensibilização da GNR de Abrantes, no dia 22, são os destaques do mês de Outubro.

O Magusto foi celebrado com uma tarde animada com fados e castanhas, a

11 de Novembro, e o Centro Cultural de Sardoal recebeu, a cerca de 20 clientes de Lar e de Centro de Dia que foram visitar a exposição de pintura “Imagens que o tempo nos vai roubando”. A visita, dia 15, foi guiada pelo pintor Álvaro Mendes, autor da mostra.

O Clube de Motards de Sardoal, “Os Últimos do Ribatejo”, estiveram na Santa Casa da Misericórdia e na Unidade de Apartamentos Lúcio Serras Pereira, no dia 13 de Dezembro, para a tradicional oferta de prendas.

Os idosos fizeram uma lembrança, nas actividades de trabalhos manuais, que foi oferecida aos Motards em forma de agradecimento. Ainda em Dezembro, os utentes foram assistir ao concerto de Boas Festas da Filarmónica União Sardoalense, que decorreu no Centro Cultural de Sardoal.

Para além das actividades organizadas em dias festivos, os clientes contam, semanalmente, com ginástica, pintura e jogos diversos.



Investigador visita oratório de arte Namban

No dia 19 de Setembro, a Igreja de Santa Maria da Caridade e o oratório de arte Namban, pertença da Santa Casa da Misericórdia, foram visitados por Koji Kobayashi, investigador do National Reserch Institute for Cultural Properties, de Tóquio, Japão. Esta visita teve a pretensão de estudar as particularidades do oratório e também de algum do património sardoalense.

O oratório de arte Namban já esteve em exposições em todo o país e também na Ásia, América e Europa.

A peça de arte, datada dos finais do século XVI, é pintada a óleo, com uma pintura de fundo que representa a Nossa Senhora da Esperança. A decoração, em pó de ouro, prata e cobre, é inspirada em elementos da natureza, com composições vegetalis-tas, florais e arbóreas, características da arte Namban, que se desenvolveu no Japão entre 1500 e 1600.

O oratório está guardado e só é mostrado em ocasiões especiais e mediante solicitação prévia.



“Choro?”*

Quando choro, quantas lágrimas que não encontram eco em ninguém? Chora-se de tristeza, de alegria, e chora-se o silêncio que a alma teima em não deitar para fora aquilo que dói bem fundo. Também quando nascemos choramos, porquê? Não sabemos. Talvez porque o sentido da vida já traz a sensibilidade de cada um de nós.

A sensibilidade humana é um sentimento que nos faz chorar e também nos faz rir, e é tão bom rir. O riso dá beleza à vida. Uma criança quando ri é como o sol a brilhar que ilumina o coração.

*Texto da cliente de Apoio Domi-ciliário, Lucília Maria

Combate ao isolamento através da Socialização

“Entrem, senhores, mas não reparem na casa, está velha e desarrumada”, diz-nos Teresa Serras, de Carvalhal, cliente da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal nos serviços de Apoio Domiciliário, Socialização e Higienização. Duas vezes por semana, duas técnicas da Misericórdia percorrem o concelho de Sardoal, e parte do concelho de Abrantes, para combaterem o isolamento social e fazerem mais e melhor pela vida de cada idoso.



Teresa Serras, de 92 anos, vive sozinha

Com um início de tarde chuvoso, partimos do Sardoal em direção aos Andreus. A viagem é curta. Rafael Leitão, de 84 anos, espera-nos sozinho em casa, ao pé do lume. Tem

Deixamos Rafael Leitão com companhia e rumamos até ao Carvalhal, onde nos esperam três clientes: José Morgado, Teresa Serras e Leonor Clementina. Está a chover e, por isso, esperamos dentro do carro até que a cliente nos abra a porta. Com um ar ternurento, Teresa Serras, de 92 anos, recebe-nos tão bem que nos faz sentir em casa. Fala de si e da sua família, da filha que perdeu e do receio que tem de estar em casa. “Não tenho fotografias minhas, não gosto de me ver”, conta com um ar tímido, quando lhe pedimos para se deixar fotografar, apontando para a cómoda, repleta de fotografias de familiares. A cliente tem família no Carvalhal mas, quando o tempo o permite, costuma dar caminhadas para não estar em casa sozinha.



todos no Concelho de Sardoal, são locais por onde a Socialização ainda vai passar nesta tarde cinzenta.

José Francisco costuma passar o dia na horta, onde semeia “batatas, tomates, feijão verde e outras coisas”, mas, neste dia de chuva, está em casa. Não vive sozinho, tem a companhia de dois animais: um cão e um gato. Do tempo que passamos com o cliente é visível o seu carinho pelos animais, “são uma verdadeira companhia”, refere. José Francisco não tem família na região mas um sobrinho, que vive e trabalha em Cascais, visita-o frequentemente.



A técnica da socialização no Codes

água a aquecer para fazer a barba e, em cima da mesa, ainda resta parte do almoço, que será também o seu jantar. Ana Florêncio, a técnica da socialização domiciliária, conversa com o cliente para se inteirar que se encontra bem. Durante a nossa visita chega uma vizinha que vai semanalmente fazer a higiene da sua casa. “Gosto de vir dar um jeito à casa, ainda mais nesta altura do ano, com o Natal e a Passagem de Ano”, revela-nos.

A acompanhar Ana Florêncio está, alternadamente, uma Assistente Social, uma fisioterapeuta, uma psicóloga ou um técnico de Animação. Fazer companhia aos clientes, animais, dar apoio na doença ou ajudar na lida doméstica são algumas das tarefas que os técnicos da socialização têm em mãos. Muitos idosos estão sozinhos, na maior parte dos casos, não há rede móvel, e os colaboradores da Santa Casa de Sardoal são das poucas visitas que recebem. Codes, Lobata, Mogão Cimeiro e Venda,

No Mogão Cimeiro, a esposa do cliente António Correia de Oliveira recorda que ia a pé para as festas do Sardoal e que dançava até tarde. “Eram outros tempos, não tínhamos medo de andar na rua até tarde”, desabafa. Esta tarde foi feita de recordações, de lembranças fragmentadas e tempos antigos, que não voltam. O sol começa a desaparecer e a tarde de trabalho está a chegar ao fim. Regressamos a casa com a sensação de dever cumprido. Sabemos que, depois de sairmos de cada casa, os idosos ficam com um sorriso no rosto. E um sorriso é uma preciosidade.

Sábado entrevista cliente da Misericórdia de Sardoal



A *Sábado*, revista semanal, esteve na Santa Casa no passado dia 16 de Outubro para entrevistar uma cliente que completou, em Março último, cem anos.

A reportagem foi publicada no início de Novembro e pretendeu retratar histórias de vida de pessoas que nasceram em 1913. Margarida Pires tem uma grande força de viver, está lúcida e falou com desenvoltura da sua vida centenária passada, até há pouco tempo, entre Cabeça das Mós e Sardoal.



Facebook: facebook.com/santacasasardoal



Blogue: santacasasardoal.blogspot.com



“Histórias Reais”

Maria de Matos | 92 anos

Os recortes da vida de Maria de Matos foram partilhados no local onde actualmente passa mais tempo: a Santa Casa da Misericórdia de Sardoal. A cliente de Centro de Dia nasceu na Cabeça das Mós há 92 anos, e é para esta aldeia que vai todas as noites, depois de um dia passado na instituição. Tem duas filhas, uma na Cabeça das Mós e outra em Lisboa, e por isso não se sente sozinha. Da infância e juventude recorda um passado alegre e vivido intensamente. De ter tanto para falar, perde-se nas histórias, na amálgama de recordações.

A cliente começa por contar que aos oito anos foi para a casa da madrinha no Vale das Onegas, Alcaravela. “Ia com o gado e regava as hortas”, mas não gostava de lá estar, “porque não me sentia bem naqueles vales, sentia-me sozinha e não gostava da comida”. Pouco lhe agradava estar sem a família e os amigos por perto. A Marquitas, como era tratada na casa da madrinha, “era irrequieta, não gostava de estar parada” e, certa vez, quando andava a cortar centeio cortou uma veia na mão. “Deitou tanto sangue que as pessoas pensavam que tinha morrido alguém. Até dizia à minha mãe que tinha ficado tão pequenita por causa de ter perdido muito sangue”, frisa em tom de brincadeira, referindo-se à sua pequena estatura.

Foi um dos sete irmãos, a Hortense, que a safou de voltar à casa da madrinha, uma vez que, também ela, passou lá uns dias e foi denunciar à mãe o quão mau era viver na casa de Vale das Onegas.

Naquele tempo, lembra, “só íamos três ou quatro horas à escola porque tínhamos outros afazeres, como a lida da casa e do campo. Trabalhávamos muito”.

Safou-se da casa de Vale das Onegas e, por uns anos, também não frequentou a escola. Mas não se safou do trabalho. “A minha vida foi a servir casas”, conta, aludindo aos trabalhos que teve no Sardoal e em Abrantes.

Da vida de casada não guarda boas memórias, mas para que Guilherme António conseguisse namorar com a Marquitas muito teve de fazer e alguns anos teve de esperar. O “príncipe encantado” morava no Sardoal. Maria de Matos conheceu-o porque um tio dele tinha casado com um familiar seu. A primeira vez que o Guilherme lhe pediu em namoro tinha 14 anos. Respondeu-lhe de forma provocadora: “Daqui a um ano procuras a resposta no mesmo local, à mesma hora”. Um ano depois encontraram-se de novo e, mais uma vez, a resposta saiu peremptória: “tenho 15 anos, portanto, até aos 20 não namoro e depois dos 25 não me caso”. E assim foi.

Aos 22 anos, quando estava empregada em Abrantes, recebeu uma carta do Guilherme. “Dei um salto de felicidade e, a partir daí, começámos a namorar.” Foi um namoro com tempo determinado. A patroa deixava-os namorar aos Domingos, de 15 em 15 dias e das 14h às 17 horas.

“Já estou viúva há 30 anos. Ele morreu por causa do tabaco, de cancro no pulmão”, diz entristecida.

Maria de Matos tem um sorriso

enternecedor e uma vivacidade de quem agarra a vida com vontade. Tirando o facto de ouvir mal, a cliente sente-se bem, dentro das limitações que a sua idade acarreta. Participa na maior parte das actividades da Santa Casa. “Não gosto de estar parada, sinto-me bem ao pé das pessoas, gosto de movimento e da agitação”. Quando há alguma festa na instituição é das clientes mais alegres e participativas.

Actualmente, Maria de Matos está a frequentar o Centro de Dia da Misericórdia, mas não descarta a hipótese de vir para o Lar. Aos 92 anos, enquanto a vivacidade não terminar, a sua vida será passada entre Cabeça das Mós e Sardoal, porque, afinal, é bom voltarmos ao local onde fomos felizes.

O Natal de antigamente

“Na véspera de Natal juntava-me aos meus pais e aos seis irmãos para a ceia. Antes da meia-noite íamos para a cama, deitávamo-nos mas estávamos sempre de olho, à espreita, para ver se dávamos pela chegada do Pai Natal. Acordávamos à meia-noite para comermos as filhoses e os sonhos. Os meus pais preparavam a mesa, com alguns doces, fazia-se uma grande cafeteira de café e era o que comíamos. Deixava passar um bocado da meia-noite, porque o Pai Natal tinha muita distribuição a fazer, e ia, sorrateiramente, ver o sapatinho, mas ficava desiludida. Não tinha nada, estava vazio. O Menino Jesus não queria nada comigo.”